

647. da guerra do caos e se as fábulas não fossem fábulas?

Israel e o Irão não estão realmente em guerra — pelo menos é assim que algumas pessoas interpretam o que está a acontecer. Para elas, tudo isto parece mais um grande espetáculo do que um conflito real.

A ideia é que muitas das grandes mudanças no mundo começam com caos. Primeiro, surgem a confusão, o medo e a desordem. Depois, a partir desse caos, cria-se uma nova ordem.

Se pensarmos simbolicamente, o caos pode representar a mente humana: cheia de possibilidades, pensamentos e ideias infinitas. A ordem, por outro lado, representa a ação — aquilo que fazemos com esse potencial. É quando agimos que transformamos o caos em algo concreto e moldamos a realidade.

Segundo esta visão, as elites entendem bem este mecanismo, mas usam-no de forma manipuladora. Criam confusão, medo e divisão entre as pessoas. Quando o ambiente está carregado de ansiedade e incerteza, surgem então com uma “solução”.

E essa solução, claro, conduz exatamente para onde elas querem.

Nesse contexto, alguns veem os conflitos internacionais como mais do que simples guerras: também são tempestades psicológicas que afetam as massas. Um clima de instabilidade pode levar a crises maiores — económicas, financeiras ou sociais — que acabam por abrir caminho para grandes mudanças globais.

O padrão seria sempre o mesmo: primeiro o problema, depois a reação das pessoas e, finalmente, a solução apresentada por quem tem poder. Muitas pessoas aceitam essa solução porque, em momentos de medo, o controlo pode parecer segurança.

Quando a sociedade se sente pressionada pelo caos, é comum trocar liberdade por estabilidade, verdade por conforto, consciência por autoridade.

Mas há também outra reflexão importante nessa ideia: a mesma força criativa que pode ser usada para manipular também existe em cada indivíduo. A mente humana também é um tipo de caos — cheia de potencial, pensamentos e escolhas. E são as nossas ações que dão forma à realidade que vivemos.

Quando alguém percebe isso, começa a olhar o mundo de forma diferente. O medo deixa de comandar tanto as decisões, e muitas narrativas passam a ser questionadas.

Talvez, no fundo, o verdadeiro campo de batalha não esteja apenas entre países ou fronteiras, mas também dentro da consciência humana. Porque quando muitas pessoas deixam de agir apenas por medo, histórias que pareciam inevitáveis começam a perder força.

E há uma ideia final nesta reflexão: uma das formas mais eficazes de controlo é convencer as pessoas de que o espetáculo é completamente real. Mas quando alguém começa a ver o palco, os atores e o guião... já não assiste da mesma forma.

Se todas as fábulas e histórias (no sentido de teorias da conspiração e alegações não comprovadas) sobre Jeffrey Epstein fossem verdadeiras, o cenário seria de uma rede de corrupção e abuso de escala global e sistémica, muito além do que já foi provado em tribunal. Eis as implicações caso as teorias mais difundidas fossem factos:

1. Uma Rede Global de Chantagem e Espionagem - Se as teorias de que Epstein trabalhava para agências de inteligência (como a CIA ou a Mossad) fossem verdadeiras, a sua ilha e propriedades funcionariam como **armadilhas de mel** (*honey traps*) para recolher provas comprometedoras de figuras poderosas e forçar a sua cooperação em agendas políticas internacionais.

2. Implicação Direta das Elites Mundiais - Embora muitos nomes apareçam nos registos de voo ou em arquivos sem prova de crime, se todas as "histórias" fossem verdade, centenas de políticos, membros da realeza e celebridades seriam cúmplices diretos de crimes de tráfico sexual, e não apenas conhecidos sociais. A existência de uma "lista de clientes" oficial com provas de crimes (que o Departamento de Justiça afirma não existir nos moldes teorizados) confirmaria a participação ativa de figuras de topo em abusos.

3. Falha Total do Sistema de Justiça - Se a teoria de que Epstein foi "protegido" por décadas fosse verdade em toda a sua extensão, isso significaria que o sistema judicial dos EUA foi deliberadamente manipulado por forças superiores para garantir a sua impunidade, como sugerem as críticas ao acordo de 2008.

4. Morte Não Acidental - Se as teorias sobre a sua morte fossem verdadeiras (em oposição à conclusão oficial de suicídio), a sua morte teria sido um **assassinato encomendado** para silenciá-lo e proteger os segredos das pessoas influentes com quem ele se relacionava.

5. O Impacto nas Vítimas - Para os sobreviventes, se cada história de abuso fosse validada, o número de vítimas seria exponencialmente maior, revelando uma escala de "sacrifício de inocência" que as vítimas afirmam ter sido ignorada por décadas pelas instituições.

Atualmente, muitas destas alegações permanecem no campo da especulação ou foram formalmente negadas pelas autoridades. O que é **facto** é que Epstein foi um agressor condenado que utilizou a sua riqueza e conexões para explorar menores e evitar consequências graves por anos. A morte, o canibalismo, **a extração de adrenocromo** (como fonte de juventude) e outras alegações precisam de serem estudados em mais ficheiros para serem comprovadas, mas a nossa mente não-criminosa, como não pertencemos as elites, tem dificuldade em aceitar os ignóbeis atos ali relatados.

E, por fim, deixo para vossa consideração uma pergunta que profundamente incomoda quando se pensa se é verídica... E se todas as fábulas, histórias e mitos que acreditamos serem histórias infantis, sempre revolvendo em torno de crianças com fins perversos e terríveis, não são para meter medo às crianças, mas foram a forma ficcionada de contar o que se passava no passado entre as elites dirigentes, a nobreza, a realeza e demais???

